

Confronto de votos decidirá sistema de governo

BRASÍLIA — Os grupos parlamentarista e presidencialista da Constituinte começaram a fazer o balanço final de suas forças para a votação do sistema de governo, que, pela avaliação das lideranças, será na sexta-feira. "É uma decisão que será tomada pelo voto. Não existe a menor possibilidade de acordo", adianta o líder do PMDB, senador Mário Covas, que vai votar pelo parlamentarismo.

Os dois grupos contam vantagem e acham que ganham. Os presidencialistas, reunidos na hora do almoço no gabinete do presidente do Senado, Humberto Lucena (PMDB-PB), fizeram uma avaliação positiva de sua situação. "No momento temos de 25 a 30 votos acima dos 280 necessários para a aprovação do presidencialismo", dizia confiante Humberto Lucena.

"Os parlamentaristas já têm 295 votos; os presidencialistas terão no máximo 251. Os restantes são só 13, por essa conta ainda estão indecisos", contra-atacava o senador José Richa (PMDB-PR), logo após reunir-se com Sandra Cavalcanti (PLF-RJ) e Israel Pinheiro Filho (PMDB-MG), entre outros, para avaliar a força dos parlamentaristas.

Apesar da confiança de Humberto Lucena na vitória do presidencialismo, o grupo resolveu partir para a ofensiva. O presidente do PFL, senador Marco Maciel, foi encarregado de procurar todos os constituintes que assinaram alguma emenda presidencialista para tentar uma fusão com outra, coletiva, encabeçada por Humberto Lucena, Edison Lobão (PFL-MA), Maurílio Ferreira Lima (PMDB-PE) e Vivaldo Barbosa (PDT-RJ). "Com a ofensiva, vamos ganhar mais votos", calcula Marco Maciel.

Os parlamentaristas, também no ataque, resolveram cercar o presidente da Constituinte, Ulysses Guimarães. "Se ele ficar calado, estará ajudando em muito a vitória do parlamentarismo", prevê o senador Mário Covas. Ele acha que Ulysses Guimarães, que já mostrou sua posição favorável aos quatro anos de mandato para Sarney, não vai fazer nenhuma declaração contra o parlamentarismo. "Ele, como presidente de partido, não deverá se envolver com a questão, que divide", argumenta Mário Covas.

Quórum — Ulysses convocou para hoje, ao meio-dia, reunião dos coordenadores de bancadas estaduais e dos líderes e vice-líderes do PMDB, para acertar formas de manter os pemedebistas em plenário nas votações da Constituinte. Para votar a nova Constituição "na marra", segundo expressão do próprio Ulysses, dita há 15 dias, estão sendo feitas pressões sobre os parlamentares. E quem mais pressiona é o próprio presidente da Constituinte.

Ulysses determinou a seu gabinete que localize todos os parlamentares ausentes e os chame a Brasília. "Todos têm que vir aqui votar. Não podemos fazer igual à Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), que aceita o voto por correspondência", alertou Ulysses durante a sessão da sexta-feira passada. Pela primeira vez, ele admitiu que as ausências desmoralizam a Constituinte.

Na sessão de ontem a presença de 310 constituintes garantia o número para deliberação, mas nada foi votado. O *Centrão* usou como pretexto a divergência com a liderança do PMDB sobre a emenda do grupo que exclui o subsolo e os recursos minerais da relação de bens da União, para paralisar os trabalhos pelo segundo dia consecutivo. Posta em votação a proposta, 255 constituintes foram contra e 55 a favor. Como são necessários 280 votos para a aprovação de emendas, a sessão foi suspensa para que hoje se encontre uma fórmula de consenso. Com isso o *Centrão* conseguiu seu objetivo: retardar a entrada em pauta do mandato presidencial.

Brasília — Protásio Nêne



Ulysses conseguiu levar 310 constituintes ao plenário, mas nada se decidiu

Simon acha que candidaturas interferem

PORTO ALEGRE — Embora considere que o Brasil só tem saída para a crise econômica, política e social através do regime parlamentarista, o governador Pedro Simon admitiu, lamentando, que a tendência é a Constituinte aprovar a manutenção do presidencialismo, devido "às pressões dos militares, da grande

imprensa e dos presidencialistas, que não querem o parlamentarismo".

— Ulysses, Arraes, Quéricia, Montoro, Brizola, Aureliano, Lula, Newton, Ermirio, todos são presidencialistas, infelizmente. Mas pela hora grave em que estamos vivendo e se não houver pressão

dessas forças, a Constituinte poderá optar pelo parlamentarismo — espera o governador gaúcho, para que, como parlamentarista, é indiferente o tempo de mandato do presidente Sarney. Simon tem defendido cinco anos para o presidente Sarney.

Planalto acha que ato pelas diretas foi fracasso da oposição

BRASÍLIA — O presidente José Sarney e seus principais auxiliares avaliaram a manifestação contra o governo — Dia Nacional de Advertência — como "um fracasso", segundo um dos assessores do Palácio do Planalto. Coube ao ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, a tarefa de criticar as oposições e sua tentativa de mobilizar a população contra o governo: "Eles não falam em nome do povo. O povo retirou a procuração que deu ao PMDB nas eleições porque se sente vítima de um estelionato eleitoral e sabe que foi a política econômica dos pemedebistas que criou as dificuldades atuais".

O ministro trabalhou ontem recebendo parlamentares em seu gabinete, em Brasília. Segundo ele, o governo não se ilude, porque não entende como apoio ou sintoma de popularidade o fato de a população não ter participado do Dia Nacional de Advertência: "Nós não contamos vantagem mas anotamos o fracasso da oposição que ficou um mês arregimentando apoio, publicando anúncio em jornal e atacando o presidente Sarney", observou.

— O povo quer soluções para os problemas econômicos e não se interessa por politicagem — disparou Antonio Carlos Magalhães.

Ataque ao PMDB — Disposto a assumir a ofensiva na semana em que os constituintes deverão votar o sistema de governo, o presidente José Sarney, segundo um ministro que esteve com ele sexta-feira à noite, deverá resolver entre segunda e terça-feira o problema da substituição de Hesio Cordeiro — atual presidente do Inamps — indicado pelo ex-ministro Raphael de Almeida Magalhães — e torpedeado pelo ministro da Saúde, Borges da Silveira e parlamentares do PFL no Rio de Janeiro. A demissão de Hesio deverá gerar nova crise entre Sarney e o PMDB. Motivo: o ministro da Previdência, Renato Archer, a quem Hesio Cordeiro é subordinado hierarquicamente, não aceita trocar o auxiliar. Mais ainda: Archer deverá sair do governo caso Sarney demita o presidente do Inamps.

A substituição de Cordeiro, contudo, é fava contada nos cálculos dos assessores e ministros próximos a Sarney. Já havia ontem dois nomes cotados para o Inamps: o do maranhense José Ribamar Serrão, secretário-adjunto do ministério da Previdência, amigo e médico da família Sarney, e o do secretário-geral do ministério da Saúde, Francisco Beduschi, visto no Inamps como um médico ligado à rede hospitalar privada. Serrão negou ter sido chamado a substituir Hesio Cordeiro.